



Revisão integrativa das Pesquisas em periódicos científicos sobre Educação Ambiental Comunitária na América Latina e Caribe¹

Revisión integradora de investigaciones en revistas científicas sobre educación ambiental comunitaria en América Latina y el Caribe

Integrative Review of Research in Scientific Journals on Community Environmental Education in Latin America and the Caribbean

Marcelo Aranda Stortti

Grupo Estudos em Educação Ambiental desde el Sur (GEASur), Universidade federal do estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Brasil. marcelostortti@gmail.com

Celso Sanchez

Grupo Estudos em Educação Ambiental desde el Sur (GEASur), Universidade federal do estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Brasil. celso.sanchez@unirio.br

Resumen. Este artículo tiene como objetivo realizar una revisión integradora de artículos científicos disponibles en Google Scholar a lo largo del año 2024 sobre educación ambiental comunitaria (EAC), con el objetivo de mapear los principales enfoques teóricos y metodológicos utilizados, identificar tendencias emergentes, brechas y proponer lineamientos para futuras investigaciones e intervenciones en el área. Esta investigación se basa en una investigación descriptiva y cualitativa, utilizando la metodología basada en la revisión de literatura, que en este caso optamos por utilizar la revisión integradora, siguiendo 4 pasos: Estrategia de búsqueda de artículos científicos en internet, selección de datos mediante criterios de inclusión y exclusión, categorización de los artículos seleccionados y análisis e interpretación de los datos. Los resultados encontrados fueron los siguientes: se estableció una muestra de 43 documentos. En la primera categoría (Enfoques Teóricos) identificamos la educación popular, Paulo Freire, el diálogo, la participación y la transformación social; ecología política, conflictos ambientales, justicia ambiental; Decolonialidad y desarrollo sostenible. Y en el segundo (metodologías) se identificaron talleres, actividades y mapeos participativos; proyectos de intervención (gestión socioambiental), creación de huertos comunitarios, recogida selectiva de residuos y recuperación de zonas degradadas y comunicación comunitaria. Con base en las brechas y tendencias identificadas, establecemos algunas pautas para futuras investigaciones.

Palabras Clave: educación ambiental comunitaria, decolonialidad, comunidades tradicionales.

Abstract. This article aims to carry out an integrative review of scientific articles available on Google Scholar throughout the year 2024 on community environmental education (CEA), with the objective of mapping the main theoretical and methodological approaches used, identifying emerging trends, gaps and proposing guidelines for future research and interventions in the area. This investigation is based on descriptive and qualitative research, using the methodology based on the literature review, which in this case we chose to use the integrative review, following 4 steps: Search strategy for scientific articles on the internet, selection of data using inclusion and exclusion criteria,

¹ Este artigo foi produzido no âmbito do projeto do Observatório da Educação Ambiental de Base Comunitária, e conta com o apoio e o financiamento do CNPq.

categorization of selected articles and analysis and interpretation of data. The results found were the following: we established a sample of 43 documents. In the first category (Theoretical Approaches) we identified popular education, Paulo Freire, dialogue, participation and social transformation; political ecology, environmental conflicts, environmental justice; Decoloniality and sustainable development. And in the second (methodologies) workshops, activities and participatory mappings were identified; intervention projects (socio-environmental management), creation of community gardens, selective waste collection and recovery of degraded areas and community communication. Based on the gaps and trends identified, we established some guidelines for future research.

Keywords: community environmental education, decoloniality, traditional communities.

Introdução

Nos últimos anos na América latina a educação ambiental (EA) tem se destacado a partir de diversos pesquisadores como Enrique Leff (2000), Edgar Gaudiano (2005) entre outros e de eventos científicos como o Congresso Iberoamericano que começou a ser realizado após a RIO-92 (Zabala, Garcia, 2008), uma das Grandes Conferências das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que neste ano tinha ocorrido no Brasil, promovendo uma imensa mobilização de Organizações Não Governamentais (ONG), comunidades tradicionais, povos originários e dos movimentos sociais para organizar o maior Fórum Mundial paralelo da sociedade civil (Stortti, 2015).

Essa mobilização também colaborou para que o tema comunidades, seus saberes e fazer, fosse mais central nos eventos científicos dessa região (Galeano, 2001). Como podemos observar nos Congressos Iberoamericanos que ocorreram na região e em outros eventos como o Congresso de Educação Ambiental para o Desenvolvimento Sustentável (Cubambiente), os Congressos Internacionais de Educação Ambiental Comunitária (em sua terceira edição) que ocorre na Colômbia, o Congresso Nacional de Educação Ambiental para a Sustentabilidade realizado no México e os Fóruns de Educação Ambiental que ocorrem no Brasil, organizado pela Rede Brasileira de Educação Ambiental (Matos, 2009).

Ao contrário desse movimento, González-Gaudiano e Lorenzetti (2009) ressaltam que as pesquisas nesta área no México estão direcionadas para a escola e os seus processos de escolarização em diferentes idades e tipos.

Corona (2020) ao analisar as tendências da Pesquisa nesse campo acadêmico nos países latino-americanos ao longo dos anos 2002 a 2018 identificou um total de 380 artigos em 141 revistas científicas, porém através do seus critérios de exclusão restringiu esse montante para 71 documentos presentes em 25 periódicos, contribuindo para a observação que as tendências na investigação em EA na América Latina vêm se transformando gradativamente de uma perspectiva de pesquisa interpretativa para uma sociocrítica, com uma baixa presença da perspectiva positivista. E os conteúdos encontrados nessas publicações, estavam relacionados a fatores generalistas e da cultura socioambiental ou da sustentabilidade, com a presença de apenas três (3) trabalhos relacionados ao tema território que poderia ter algum tipo de conexão com alguma comunidade.

E no campo dos sujeitos dessas pesquisas, a maioria deles estava relacionado de estudantes, especialmente universitários, em menor proporção crianças e adolescentes, docentes e estudantes de licenciatura, reforçando a importância da educação formal para

as pesquisas em EA, nesse sentido de um total de 225 sujeitos somente 10% poderiam ter alguma relação com comunidades.

Esse baixo número de pesquisa, não representa a força desse sujeitos, pois como afirma Gaudiano (2005) nos eventos, que não são exclusivamente científicos, educadores ambientais latinos, provavelmente populares, podem contribuir para mudanças conceituais e práticas promovendo uma migração do foco de projetos de conservação e processos educativos formais para a resolução de problemas locais gerando inclusive conceitos mais específicos como educação ambiental popular, gestão ambiental comunal e na concepção de Solis (2002) a educação ambiental comunitária.

Para refletir sobre as questões históricas e de pano de fundo dessas demandas de pesquisa ligados a educação formal e dessa disputa de narrativas e de concepções promovidas por sujeitos históricos dos territórios em eventos, Layrargues e Sato (2022, 32) podem contribuir suleando essa questão ao afirmarem que o projeto político socioambiental neoliberal, que emergiu fortemente nos anos 1990, nesse continente, pode ter promovido um processo de retrocesso e desregulamentação da proteção ambiental, em alguns casos sociais, reduzindo o controle e a gestão pública do Estado.

Ademais, corroborando com as ideias anteriores, Marques (2015) explica que esse modelo hegemônico, o capitalismo, pode ser uma “locomotiva sem freio”, pois valoriza a narrativa de crescimento e desenvolvimento (in)sustentável, contribuindo, entre outros fatores, para um período da grande aceleração exponencial rumo ao antropoceno.

Buscando aprofundar essa questão, Ailton Krenak, liderança indígena brasileira, argumenta que o modelo de (des)envolvimento atual promove uma ruptura profunda entre os seres humanos e o meio ambiente. Para ele, a visão de mundo ocidental, coloca um certo grupo da humanidade em um patamar de superioridade, tratando a natureza como um recurso a ser explorado e dominado. Essa desconexão leva à degradação ambiental, à perda da biodiversidade e à crise climática e defende a importância da diversidade de culturas e modos de vida, reconhecendo que cada cultura tem sua própria sabedoria e sua própria forma de se conectar com a natureza e com a espiritualidade (Krenak, 2020).

Logo, na concepção de Speth (2008) o processo de acumulação do capital é provavelmente incompatível com a sustentabilidade ambiental e na nossa compreensão com o modelo alternativo proposto para uma sociedade/comunidade sustentável como preconiza o Tratado de Educação Ambiental (Stortti, et al. 2022).

Não obstante, as reflexões anteriores, nesse artigo entendemos a importância de trazer a questão racial, como eixo teórico para esse debate, por isso buscamos na pesquisa de Malcom Ferdinand que aborda criticamente a noção de "Antropoceno", destacando que essa era uma proposta geológica, marcada pela influência humana no planeta, ignorando as profundas interseções entre a crise ecológica e a história colonial, e no nosso entendimento da colonialidade do poder (Quijano, 2005), saber (Lander, 2005), ser (Maldonado-Torres, 2005) e da natureza (Wahs, 2013); especialmente a escravidão e a exploração de povos não europeus.

Esse pesquisador caribenho, destaca a conexão entre a violência exercida contra os corpos negros, no nosso entendimento dos povos originários, e a violência exercida contra a natureza, ambas vistas como recursos a serem explorados e descartados. Além disso, esse autor destaca a importância de valorizar os saberes e práticas das comunidades



locais, especialmente as comunidades negras e indígenas, que desenvolveram formas de resistência e resiliência diante da exploração colonial.

Ele propõe que esses saberes sejam incorporados na construção de uma ecologia decolonial, que considere a justiça racial e social, e que promova a reparação dos danos causados pela escravidão, pelo colonialismo e como afirma Stortti (2021) pela colonilidade. Ele propõe que essa ecologia seja baseada na interdependência entre os seres humanos e a natureza, e que valorize a diversidade de culturas e modos de vida (Ferdinand, 2022).

Esse pensamento também é identificado por centenas de militantes e de organizações sociais que assinam o Tratado de Educação Ambiental, que de tempos em tempos se encontram realizando juntos uma nova Jornada para debater os princípios desse documento, pois entre eles podemos destacar: reconhecer a diversidade cultural e ecológica, valorizar os saberes tradicionais e as diferentes formas de conhecimento, estabelecer um processo político contínuo embasado no pensamento crítico, promovendo a transformação das sociedades e ou a manutenção de modos de vida comunitários, reconhecendo a interdependência entre os seres humanos, outras espécies e o planeta (Stortti, et al. 2022).

Como podemos observar diferentes pesquisadores, pensadores e lideranças comunitárias e grupos sociais destacam o papel das comunidades tradicionais e dos povos originários da América Latina e Caribe no enfrentamento da crise da modernidade e da alteridade (Makiuchi, 2011).

Essas reflexões, reforçam a necessidade de novas pesquisas sobre o tema das comunidades nessa região e seus saberes e fazeres ao longo das suas práticas socioambientais, principalmente em diálogo com a EA, pois como afirma González-Gaudiano e Lorenzetti (2009) a investigação nesse campo Ambiental na região da América Latina é ainda pouco explorado.

E emergente, como destaca Corona (2020), e além disso, essas investigações apresentaram uma diversidade de paradigmas em relação aos estilos de pesquisa, ressaltando outro ponto para destacar a importância de novas investigações.

Dentro dessa lógica da importância e do papel das comunidades podemos supor que existe um diálogo entre a educação ambiental (EA) e as comunidades, como afirma Acevedo e Cebey (2020) que defende uma concepção comunitária de EA a partir de formas não escolares que podem potencializar a participação, a cooperação e a consciência crítica do sujeito que se torna protagonista de novos projetos socioambientais.

Segundo esses autores, o conceito de Educação Ambiental Comunitária (EAC) não escolar, pode enriquecer a EA tradicional, proposta pela Conferência de Tbilisi voltada para a resolução de problemas ambientais nos territórios. Segundo esses autores, seu valor está em reconhecer a sociedade como parte do ambiente naquele espaço.

González e Pérez (2020) destacam a importância de sintetizar o conhecimento existente para compreender os desafios e avanços na área da EAC. Logo, apresentaram uma análise abrangente sobre esse campo científico em países de língua espanhola e na América Latina, descrevendo dados bibliométricos de pesquisas publicadas em espanhol nos últimos 20 anos (2000-2020). Foi realizada uma revisão bibliográfica descritiva,

utilizando bases de dados como Web of Science, Scopus, SciELO, Dialnet, Redalyc e JSTOR. O corpus final incluiu 151 estudos. Os principais pontos abordados foram: Houve um aumento progressivo, embora irregular, no número de estudos sobre o tema. Cuba, México e Colômbia foram os países com maior número de publicações. A maioria das pesquisas foi apoiada por instituições de ensino superior e publicada na revista "Avances". As metodologias qualitativas foram predominantes, com técnicas como entrevistas, observação participante e Pesquisa-Ação Participativa (IAP). Os principais sujeitos investigados nas pesquisas foram membros da comunidade, crianças, adolescentes, professores e líderes comunitários. Esses autores, destacam a necessidade de mais estudos de síntese para oferecer uma visão panorâmica das forças, desafios e aprendizados no campo da educação ambiental comunitária.

No caso das questões refletidas anteriormente, elas poderiam suscitar como pergunta da pesquisa ou questão de estudo: Quais são as principais abordagens teóricas, metodológicas e práticas utilizadas nas pesquisas em educação ambiental comunitária publicadas no ano de 2024, e quais são as lacunas e tendências emergentes na área?

E a partir desse problema de pesquisa podemos traçar como objetivo realizar uma revisão integrativa dos artigos científicos disponíveis na internet (google acadêmico) ao longo do ano de 2024 sobre educação ambiental comunitária, com o objetivo de mapear as principais abordagens teóricas, metodológicas utilizadas, identificar tendências emergentes, lacunas e propor diretrizes para futuras pesquisas e intervenções na área.

Metodologia

Essa investigação tem como base uma pesquisa descritiva, pois como afirma Vergara (2000, 47), essa modalidade acadêmica expõe as características de determinada população ou fenômeno, estabelecendo correlações entre diversas variáveis. E por causa da forma que abordamos o problema de pesquisa podemos defini-la como qualitativa. Em outras palavras, como afirma Minayo (2014) a pesquisa qualitativa se preocupa em compreender a complexidade dos fenômenos sociais, explorando os significados que as pessoas atribuem às suas experiências. Ela busca ir além da simples descrição dos fatos, buscando entender as motivações, os valores e as crenças que influenciam o comportamento humano.

No campo das pesquisas em educação Alvarenga et al (2024) afirma que existe demanda para os pesquisadores da realização de um maior número de pesquisas com base na revisão de literatura (RL), cujo objetivo pode ser mapear, analisar e sintetizar o que tem sido produzido nos campos da educação, no nosso entendimento em especial da educação ambiental.

Nas investigações sobre RL encontramos diversas estratégias teórico-metodológicas. No caso particular desta pesquisa optamos por utilizar a revisão integrativa (RI), pois como afirma Souza, Silva e Carvalho (2010, 102), "é um método que proporciona a síntese de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos". Para essas autoras, a RI é uma metodologia de pesquisa rigorosa e transparente, utilizada para sintetizar o conhecimento científico sobre um determinado tema. No contexto da educação ambiental comunitária, essa metodologia pode ser



aplicada para mapear o estado da arte das pesquisas, identificar lacunas e tendências, e propor diretrizes para futuras intervenções.

Para realizar a RI da literatura científica, seguimos quatro etapas com base nos estudos de Whittemore e Knafl (2005):

I) Estratégia de busca de artigos científicos na internet.

Realizamos um levantamento na base de dados virtuais do google acadêmico (scholar) e Scielo. A busca dos artigos só no ano de 2024, ocorreu pois observamos um aumento significativo dessas publicações neste ano e de eventos científicos que podem contribuir para aumentar a produção e divulgação científica.

Nesse primeiro repositório virtual utilizamos como palavra chave em espanhol “educacion ambiental comunitaria” e depois realizamos uma segunda pesquisa usamos o operador booleano “and” seguido duas palavras chaves: “educacion ambiental comunitaria” and “comunidad” que restringiu ainda mais a busca por artigos que estão usando essas palavras ao mesmo tempo.

II) Seleção dos dados usando critérios de inclusão e exclusão.

Como esse estudo busca investigar a educação ambiental comunitária que emerge das diferentes comunidades tradicionais, povos originários e movimentos sociais latino americanos, utilizamos as categorias descritas no Quadro 1 para montar a nossa amostra de pesquisa, separando aqueles que atendem ao interesse dessa pesquisa.

Quadro 1 - Critérios de inclusão e exclusão

Critérios de inclusão	Critérios de exclusão
<p>Temática central: Artigos cujo foco principal seja a "Educación Ambiental Comunitaria" em contextos de movimentos sociais e/ou comunidades tradicionais e povos originários.</p> <p>Período de publicação: Estudos publicados no ano de 2024.</p> <p>Localização geográfica: Pesquisas conduzidas em países da América Latina.</p> <p>Tipos de estudo: Artigos teóricos, estudos empíricos e relatos de experiência vinculados a práticas educacionais comunitárias e apresentados em congressos.</p>	<p>Falta de relevância temática: Artigos que tratem de educação ambiental em contextos formais, universitários, industriais, ou sobre a biodiversidade sem vinculação direta às comunidades tradicionais ou movimentos sociais.</p> <p>Localização fora do escopo: Estudos realizados fora da América Latina.</p> <p>Publicações duplicadas: Artigos repetidos nas mesmas ou em diferentes bases de dados.</p> <p>Período de publicação: Estudos fora da temporalidade definida.</p>

Fonte: os autores (2024).

III) Categorização dos artigos selecionados.

Após a realização da pré-identificação dos artigos foi montado uma tabela com os títulos dos estudos selecionados, o ano de cada publicação, o seu país de origem e os “link” da internet onde eles foram disponibilizados. A partir dessa tabela fizemos uma releitura crítica dos títulos, resumos e palavras-chaves de todas as publicações, para posteriormente verificar sua adequação aos critérios de inclusão/exclusão dessa pesquisa. Em alguns artigos foi necessário ler o texto completo, disponível na internet, pois o título, o resumo e ou as palavras-chaves não são suficientes para definir detalhes da sua categorização inicial.

IV) Análise e interpretação dos dados.

Nessa fase, extraímos informações como as abordagens teóricas, metodológicas, temas estudados e as práticas utilizadas por cada artigo científico encontrado nas fases anteriores. Ao analisarmos esses dados científicos coletados criamos algumas categorias analíticas que facilitaram o processo de ordenação e a sumarização de cada estudo.

Resultados e Discussão

Ao realizarmos a busca nesses dois sites (google scholar e Scielo) a seleção dos artigos apresentou na primeira busca com uma palavra chave um número inicial total de 250² e depois com a utilização de duas palavras chaves encontramos 197³ na base de dados google scholar e nenhum para Scielo no ano de 2024. Após a aplicação dos critérios de inclusão/exclusão estabelecemos uma amostra de 43 documentos e que depois foi reduzida para 19.

Quadro 2 - Artigos selecionados no processo de inclusão/exclusão

Autores	Instituição	País	Temas centrais	Link da revista
Danaris Laza Besú e Noraida Garbizo Flores	Universidade de La Rioja	Cuba	Metodologia - matriz de Vester no Distrito Cinco do Conselho Popular Villa I (Pinar del Río)	https://dialnet.unirioja.es/servlet/autor?codigo=6579810
Evelyn Pérez Rodríguez, Elisa Maritza Linares Guerra, Dora Lilia Márquez Delgado e Raymundo Vento Tielve	Universidad de Pinar del Río	Cuba	Ações estratégicas de EA para desenvolvimento local. Metodologia - matriz SWOT	http://scielo.sld.cu/pdf/cod/v12n2/2310-340X-cod-12-02-e669.pdf

² Os resultados estão disponíveis em: https://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&as_ylo=2024&as_yhi=2024&q=%22educacion+ambiental+comunitaria%22&btnG=

³ Os resultados estão disponíveis em: https://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&as_ylo=2024&as_yhi=2024&q=%22educacion+ambiental+comunitaria%22+and+%22comunidad%22&btnG=

Yandri Disotuar Lores, Amparo Osorio Abab e Ana Gloria Rubié Cabrera	Universidad de Guantánamo, Universidad de Ciencias Pedagógicas Enrique José Varona	Cuba	EAC em município Imías (Guantánamo) em situação de vulnerabilidade. Metodología acción- participativa	https://www.horizontepedagogico.cu/index.php/hop/article/view/358
Idalia López Pedroso e Jorge Ferro Díaz	Centro de Investigaciones y Servicios Ambientales, Pinar del Río	Cuba	Percepção de risco. metodologia: observação participante, pesquisas, entrevistas, a matriz de Vester, árvore de problemas e julgamento de especialistas.	https://d1wqxts1xzle7.cloudfront.net/110183917/478774133-libre.pdf?1704716549
Olga Alicia Gallardo Milanés, Laís Martínez Gallardo, Libys Martha Zuñiga Igarza	Universidad de Holguín	Cuba	Identificar vulnerabilidades, gestão de riscos locais (inundações). Comunidade de "El Dique", em Holguín.	https://www.revistareder.com/ojs/index.php/redar/article/view/163/186
Yurisandra Savourin- Nelson e Juana Daudinot-Gamboa	Universidad de Guantánamo	Cuba	EA, diagnósticos para ajudar comunidades vulneráveis.	http://htc.cigetgtmo.co.cu/revistahct/index.php/htc/article/view/1457
GINARTE FERNANDEZ, Zulima; VERDECIA REMON, Alina e VARGAS ANAYA, Néstor.	Universidad de Granma.	Cuba	caracterização socioambiental da comunidade Calabaza, programa de educação ambiental, conhecimentos, habilidades, comportamentos, atitudes e valores relacionados à gestão.	http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1817-40782024000100203&lng=pt&n
Rubinsten Hernández Barbosa, Quira Alejandra Sanabria e Yamile Pedraza Jimenez	Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia, Tunja.	Colômbia	Metodologias e elementos conceptuais da EAC	https://periodicos.furg.br/remea/article/view/17853
Wendy Mayerly Vega- Ávila	Centro de Produtividade del Tolima, Ibagué	Colômbia	Participação, conhecimentos, práticas da Asociación de Mineros Artesanales del Tolima	https://sociedadyconomia.univalle.edu.co/index.php/sociedad_y_economia/article/view/12937
Francisco Miguel Portillo Páez	Universidad de Córdoba	Colômbia	idosos conhecimento cultural e ambiental das plantas medicinais. paradigma da ação participativa (PAI)	https://revistaladecin.com/index.php/LadECiN/article/view/238
Edith de Jesús Cadavid Velásquez, Sehila Maria Rodríguez Pérez, Yaninda Domicó Domicó	Universidad de Córdoba e Indígena Emberá – Tierralta	Colômbia	comunidades ancestrais, estratégia educacional tecelagens dos povos Zenú e Emberá Katío	https://repositorio.unicordoba.edu.co/entities/publication/0037f956-92eb-4ad9-93c3-ed5c5e5f6fcf/full

Danny J. Lorduy, Claudia P. Naranjo e Elvira Flórez-Nisperuza	Universidad de Córdoba	Colômbia	Atividades antrópicas áreas costeiras na Baía de La Rada,percepções e ações da comunidade.	https://repositorio.unicordoba.edu.co/entities/publication
Mayel Camila Castillo Ruge, Lina Paola Alfonso Chaparro, Daniel Alejandro Valderrama e Néstor Adolfo Pachón Barbosa	Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia	Colômbia	Comunidades campesinas, Parque Natural Regional Serrania el Peligro, práticas sustentáveis e suas inter- relações desde a Educação e Gestão Ambiental.	https://repositorio.unicordoba.edu.co/entities/publication
Yetlanezi Velázquez Cárdenas e René David Benítez Rivera	Universidad de los Pueblos del Sur e Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Xochimilco	México	Análise bibliométrica EAC, participação jovens rurais na América Latina, temas extrativismo, gênero e identitarismo.	http://ceimm.uraccan.edu.ni/index.php/recsp/article/view/1433
Patricia Lorena Castañeda Meneses	Universidad de Valparaíso	Chile	Metodologia Diagnóstico Socioambiental no Território baseado nas tradições ambientais	https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9650804
Ojeda Portugal, James Josmell, Alarcon Vilca, Cecilia Alejandra, Diaz Santivanez, Jeniffer Stephanie, Maquera Yucra, Diana Soledad e Gonzales-Veliz, Raul Mauro	Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa. Arequipa	Peru	EA no turismo sustentável	https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9425464
Luis Eduardo Álvarez Cortez e Julián Leoncio Rodríguez Rodríguez	Universidad Estatal Amazónica e Universidad de La Habana	Equador	percepção dos atores locais, turismo comunitário	https://revistas.usfxbolivia.org/investigacionynegocios/index.php/revista/article/view/29
Carolina Alves Gomes de Oliveira e Celso Sánchez	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	Brasil	EABC, Mulheres das classes populares RJ, Investigação Temática Freiriana e IAP adaptada.	https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesq
Marcelo Aranda Stortti, Celso Sánchez e Alberto Calil	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	Brasil	Mapear e compreender as experiências de educação ambiental ou ações pedagógicas, realizadas em comunidades periféricas, como favelas, aldeias, quilombos, assentamentos, terreiros, bibliotecas e cozinhas comunitárias.	https://www.researchgate.net/publication/388366373_Observatorio

Fonte: os autores (2024).

As pesquisas encontradas foram desenvolvidas em seis (6) países como Cuba, que representava a grande maioria, Colômbia, México, Chile, Peru, Equador e, por último, Brasil. Vale destacar que dentro desse universo de artigos um grupo significativo deles estão associados a dois eventos internacionais, um em Cuba e o outro na Colômbia contribuindo para uma quantidade expressiva de pesquisas nesses dois países.

Na pesquisa de Chacon (2023) sobre a revisão das pesquisas em EA na Colômbia também foi identificada um grande número de pesquisas relacionadas a EAC, o que reforça a observação anterior sobre a quantidade expressiva de artigos deste país no nosso levantamento.

Sobre a questão das publicações brasileiras, provavelmente, os poucos trabalhos encontrados no Brasil, podem estar associados à ideia que as pesquisas brasileiras costumam usar o termo “educação ambiental popular” (Alves Pereira et al, 2022) ou “educação ambiental de base Comunitária” (Pelacani et al, 2021).

No estudo realizado por Soliz (2015) a partir das 195 experiências apresentadas no VII Congresso Iberoamericano de Educação Ambiental, realizado no ano de 2014, onde a EAC foi o eixo central e estruturante desse evento científico, foram identificadas a participação de representantes de 14 países da América Latina.

Como pudemos observar, nesse evento foi registrada a presença de mais países do que nesse artigo, provavelmente porque esse tipo de evento reuniu além de pesquisadores, estudantes, ativistas de ONGs, funcionários governamentais e lideranças de movimentos sociais ou comunitários apresentando as suas experiências ampliando o número de participantes e países. Outro aspecto observado foi que identificamos diferentes tipos de comunidades tais como populares/urbanas, costeiras, ribeirinhas e rurais.

No estudo de Soliz (2015) às ações em EAC foram realizadas em sua maioria, oito (8), por pesquisadores de universidades nacionais ou locais. Em segundo lugar, sete (7), foram organizadas por funcionários governamentais nacionais do meio ambiente. Empatadas com esse mesmo número (7) foram identificados os representantes de Organizações Não Governamentais (ONG). Quatro (4) experiências foram desenvolvidas por autoridades e/ou instituições locais de ambiente e por último três (3) atividades foram protagonizadas por liderança de colectivos sociais e conselhos comunais.

Para organizar a apresentação e análise dos dados, dividimos em duas categorias. Como primeira categoria estabelecemos as “Abordagens Teóricas” identificadas nas pesquisas como educação popular, inspirada em Paulo Freire, enfatizando o diálogo, a participação e a transformação social; a Ecologia Política, pois contribui com a analisa as relações de poder e os conflitos socioambientais, buscando a justiça ambiental; a Decolonialidade, trazendo um questionamento da visão eurocêntrica e valoriza os saberes tradicionais e as epistemologias do Sul global e por último os princípios da Educação para o Desenvolvimento Sustentável da ONU que sugere refletir sobre os modelos de desenvolvimento econômico e a busca por alternativas sustentáveis dentro do sistema capitalista.

Na análise de Eloísa Tréllez Solís, a partir dos dados do VII Congresso, o marco conceitual da EAC na América Latina tem como eixo de suas discussões as relações entre sociedade, natureza e as culturas, dando destaque para o pensamento e o modo de ser e estar no mundo dos povos originários através do conceito do “Buen Vivir” (Sumaq Kawsay)

e com o cuidado da Mãe Terra (Madre Tierra). Essa autora, identifica que as ações/pesquisas desse evento Ibero Americano podem conceitualmente ser agrupadas em sete (7) aspectos: "a. La comunidad; b. El territorio, la territorialidad; c. La cosmovisión; d. La interculturalidad y la interdisciplinariedad; e. La participación y la ciudadanía; f. Los abordajes metodológicos; y g. La ética y la cultura ambiental" (Soliz, 2015, 4).

Sobre esse aspecto, ainda podemos ressaltar que nos artigos analisados observamos um número significativo que, em diálogo com layrargues e Lima (2014), se utilizaram de algumas das principais concepções da tendência teórica da EA crítica, pois refletiam sobre as causas sociais, políticas e econômicas da expropriação socioambiental, questionando o modelo de desenvolvimento hegemônico, bem como, resgate, respeito, incentivo e divulgação da diversidade de culturas e de saberes, buscando promover o diálogo intercultural e o reconhecimento dos direitos dos povos originários/tradicionais. E fortalecendo os sujeitos dos territórios e as comunidades, incentivando a reflexão crítica, a práticas solidárias na construção de alternativas para além do capitalismo.

Porém, um outro grupo significativo de pesquisas estavam associadas a corrente teórica voltada para para um viés pragmático, pois nessas pesquisas tinham interpelações que estavam direcionadas a uma visão utilitarista, pois pensavam na natureza como um recurso a ser gerenciado de forma eficiente para atender às necessidades humanas, evidenciando a necessidade de ações práticas e intervenções diretas, bem como, supõe que as tecnologias e inovações podem melhorar totalmente a qualidade e resolver as questões/problemas ambientais.

A segunda categoria está relacionada a "metodologias" onde encontramos diversas abordagens metodológicas, sendo as que mais se repetiram foram oficinas e atividades participativas que estimulam o diálogo, a troca de experiências e a construção coletiva do conhecimento; mapeamento participativo que contribuíram com a identificação e mitigação dos problemas e potencialidades da comunidade; projetos de intervenção que desenvolveram atividades de gestão socioambiental, como a criação de hortas comunitárias, a coleta seletiva de resíduos e a recuperação de áreas degradadas e por último a comunicação comunitária que estimulou o uso de diferentes meios de comunicação (mídias) para compartilhar informações, promover o debate público e mobilizar a comunidade.

Na pesquisa de Soliz (2015, 20) às metodológicas escolhidas foram muitas, mas a principal foram as relacionadas à participação de diferentes formas por grupos sociais. A investigação ação participativa, foi outra proposta muito recorrente. A promoção através do diálogo entre teoria-prática, aprender com base em projetos, educação ao ar livre, oficinas participativas, de criação literária e de pinturas com tintas naturais, visitas guiadas, jogos e dinâmicas de grupo, práticas vivenciais e os estudos de casos. Também foram registrados o uso de entrevistas, narrativas orais e histórias de vida e mapas falantes.

A partir das categorias anteriores podemos estabelecer como principais tendências identificadas: a participação Comunitária, com o envolvimento de pessoas da comunidade que se tornou elemento chave para o sucesso das iniciativas de educação ambiental comunitária (EAC); projetos que envolvem a comunidade desde a fase de planejamento até a implementação demonstraram serem mais exitosos e a ação coletivas de sensibilização de EAC aumentando o nível de conhecimento científico sobre questões ambientais, além



de incentivar a realização de atividades reunindo diversos sujeitos sociais diferentes para mitigar os problemas locais.

Na pesquisa de Eloísa Tréllez Solís (2002), identificamos, em relação aos temas investigados, que a maioria estava relacionada aos saberes/conhecimentos ancestrais/tradicionais e comunitários. Ademais, temáticas como: “água, biodiversidade, valores culturais, ecossistemas, ecoturismo e gestão ambiental participativa”, gestão da natureza (florestas, água doce, oceanos, biodiversidade, unidades de conservação), gestão e prevenção de riscos socioambientais, de resíduos sólidos, empoderamento de moradores, fortalecimento de organizações para participação, criação de conselhos comunitários para a gestão da água, segurança alimentar e mudanças climáticas. Outrossim, também foram identificados assuntos ligados à questões socioculturais como: resgate das culturas locais, arte, movimentos cívicos, equidade de gênero, ecoliteratura, histórias comunitárias e de vida (Soliz, 2015, 4).

Como foi possível observar nesta pesquisa a macrotendência crítica da educação ambiental (Layrargues, Lima, 2014) não aparece nas pesquisas identificadas nesses periódicos latinoamericanos, porém se buscarmos na literatura desse campo, podemos fazer uma interconexão entre a EA crítica e a vertente comunitária, pelo olhar de Loureiro e Layrargues (2013) em diálogo com o campo da Ecologia Política, argumentando que essa macrotendência transcende a mera conscientização ou a mudança de hábitos individuais, buscando compreender as relações de poder e as injustiças sociais que permeiam a questão, no nosso entendimento principalmente em relação aos territórios das comunidades. Esses autores defendem uma EA que pode ser capaz de desnaturalizar a realidade, questionar o modelo hegemônico de desenvolvimento e promover a justiça ambiental. Nesse sentido, esse processo educativo, não é neutro. Ele pode se posicionar como uma força contra-hegemônica, buscando a transformação das estruturas que geram a degradação ambiental e social.

A correlação dessa corrente com a EAC pode estar relacionada com as ações comunitárias que não sejam paliativas ou isoladas, elas precisam ser informadas por essa perspectiva crítica. Por exemplo, Uma comunidade que luta contra a instalação de um aterro sanitário em seu território, não apenas busca proteger sua saúde e seu ambiente (ação da EAC), mas, munida da visão crítica, pode compreender que essa luta socioambiental é parte de uma disputa maior contra um modelo hegemônico que privilegia o lucro em detrimento da vida, denunciando a injustiça ambiental que afeta desproporcionalmente grupos vulneráveis. A teoria crítica apregoada por esses autores pode fornecer as lentes para que a ação local da EAC se torne uma luta por equidade ambiental, direitos e justiça epistêmica.

Essa correlação, pode ser reforçada pelas palavras de Solis (2002), que enfatiza o papel central das comunidades como sujeitos ativos e protagonistas no processo de construção de soluções ambientais e no nosso entendimento da luta contra os racismos estruturantes e o habitar coloniais sugeridos por Malcolm Ferdinand (2022). Nesse sentido, Tréllez Solís ressalta a importância de partir dos saberes, experiências e necessidades locais para desenvolver ações ambientais eficazes. Ela defende que a EAC é um processo de aprendizagem contínuo, onde o conhecimento é construído coletivamente a partir da vivência e da interação com o ambiente.

Logo, a correlação entre essas duas abordagens pode residir na necessidade de um engajamento social crítico e participativo. Enquanto a educação ambiental crítica enfatiza



a análise estrutural das causas da degradação ambiental e propõe uma ação política transformadora, a educação ambiental comunitária foca na mobilização local e na construção de soluções sustentáveis a partir da realidade das comunidades. Juntas, essas perspectivas podem fortalecer movimentos sociais e promover uma educação emancipatória, que alia reflexão crítica e ação coletiva.

A EAC apresenta alguns desafios, tais como: a falta de recursos financeiros para ajudar nas ações coletivas e na execução de programas e projetos, talvez sendo o mais principal deles; a resistência cultural e a necessidade de capacitação dos educadores ambientais comunitários. A falta de apoio institucional e a necessidade de trabalho assalariado e consequentemente mudanças nas atividades profissionais, como da pesca para pedreiro, entre outras atividades, podem levar à descontinuidade das ações educativas e de resgate cultural. Investigar processos de monitoramento das ações de EAC e seus impactos, devido à complexidade dos processos sociais e ambientais. Fortalecer a promoção da ecologia de saberes, integrando os saberes tradicionais e os conhecimentos científicos de forma dialógica e respeitosa. A utilização de tecnologias da informação e comunicação para ampliar o alcance e o impacto das ações de EAC. A incorporação da perspectiva dos conflitos ambientais e a justiça ambiental nas ações de EAC, buscando reduzir as desigualdades socioambientais e alcançar a equidade, para que todos os sujeitos sociais possam interagir com os seres não humanos e que as consequências ambientais negativas, que emergem das atividades humanas sejam distribuídas de forma equitativa.

A partir dessa revisão integrativa podemos supor que a EAC é uma ferramenta que pode contribuir para promover reflexões teóricas e práticas sobre a construção de comunidades/sociedades sustentáveis e novas formas, mais integrativas e amorosas, na relação entre as comunidades/sociedades e a natureza.

Além disso, esse processo educativo territorializado, com suas territorialidades ancestrais, pode colaborar no desenvolvimento e no fortalecimento de uma consciência ética do sul global e na compreensão, para além do modelo do capitalismo, das inter-relações entre os seres humanos, não humanos, as culturas e o meio ambiente.

Considerações finais

Com a revisão integrativa identificamos algumas teorias, metodologias, tendências e lacunas nas pesquisas nos artigos disponíveis na base de dados do Google acadêmico e da rede Scielo sobre a Educação Ambiental Comunitária (EAC). Logo, esse tipo de processo educativo surge como uma resposta a esses desafios, envolvendo diretamente as comunidades na valorização de modos alternativos de ser e estar no território e na construção de soluções ambientais sustentáveis.

A EAC demonstrou que pode contribuir com um papel crucial na promoção da sustentabilidade e na modificação na relação sociedade e natureza. As pesquisas indicam que, apesar dos desafios, essa abordagem tem o potencial de transformar comunidades e promover práticas sustentáveis. Futuras pesquisas devem focar em estratégias para superar os desafios e ampliar o impacto das iniciativas de educação ambiental comunitária.

Com base nas lacunas e tendências identificadas, propõem-se as seguintes diretrizes para futuras pesquisas: realizar pesquisas interdisciplinares, articulando diferentes áreas



do conhecimento (comunitário, ancestral e científico) para compreender a complexidade dos problemas socioambientais; mapear e analisar metodologias participativas que emergem dos processos de conflitos ambientais, bem como, dos modos de vida e dos saberes locais; a educomunicação, a produção audiovisual comunitária, através de diferentes tipos de mídias; aprofundar o conhecimento sobre os diferentes processos formativos comunitários em especial dos educadores comunitários e ambientais, que atuem de forma crítica e transformadora, considerando as especificidades de cada comunidade; as atividades de extensão, consultoria e parcerias com universidades, institutos de pesquisas e redes de educadores/pesquisas, bem como, entre outros sujeitos sociais, como ONGs, governos e comunidades; monitorar e dimensionar o impacto das ações de EAC nos territórios, os indicadores socioambientais, políticas públicas e por último as ações que visem reduzir as desigualdades socioambientais e garantir o acesso equitativo e a integração com os seres não humanos.

A partir das questões apresentadas nesse estudo, podemos pensar que a EAC se configura como um processo contínuo de construção coletiva de comunidades/sociedades sustentáveis, existindo um compromisso de toda(o)s os sujeitos sociais. Essas sugestões propostas, talvez possam contribuir para fortalecer a EAC, as comunidades e a construção de um futuro mais justo, com equidade social, justiça ambiental, integração total entre humanos e não humanos, pluriculturalmente diverso e economicamente alternativo, pois esse modelo de sistema-mundo moderno colonial capitalista representa o caminho para o ecoetnoepistemogenocídio de toda(o)s.

Bibliografía

- Acevedo, G. C., & Cebey, J. (2020). Concepción comunitaria de la educación ambiental para el enfrentamiento y adaptación al cambio climático. *Ambiente & Educação: Revista De Educação Ambiental*, 25(1), 69–89.
- Alvarenga, E. Q. de, Batista, M. C. L., Niitsuma, E. N. A., & Oliveira, R. de F. (2024). A revisão integrativa nos estudos das políticas públicas educacionais: potencialidades e aplicabilidade do método. *Revista Brasileira de Educação*, 29. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/CYXLcVCCkWLBD7H45ZbWxr/>
- Alves Pereira, V., Silva, R. F., & Ramírez-Sánchez, M. Y. (2022). Educação ambiental popular na América Latina e Caribe e educação para o Desenvolvimento Sustentável: incongruências e desafios. *Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente*, 13(1), 92–113.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Porto: Edições 70.
- Curbeira, A. A. (2013). La educación ambiental comunitaria desde el proceso de universalización. *EduSol*, 13(43), 1–10.
- Ferdinand, M. (2022). *Uma ecologia decolonial: Pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora.
- González, L., & Pérez, C. (2020). Radiografía de la educación ambiental comunitaria: una revisión bibliométrica de España, América Latina y el Caribe (2000–2020). *Revista Avances*, 15(3), 123–145.

- IPCC. (2023). *Relatório de síntese do Sexto Relatório de Avaliação (AR6) sobre mudanças climáticas*. Genebra: Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Layrargues, P. P., & Lima, G. F. da C. (2014). As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. *Ambiente & Sociedade*, 17(1), 23–40. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/asoc/a/8FP6nvhjdZ4hYdqVFdYRtx/>
- Layrargues, P. P., & Sato, M. (2022). *Se o mundo vai acabar, por que deveríamos reagir?: A agenda da educação ambiental no limiar do colapso ambiental*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- Makiuchi, M. F. R. (2011). Alteridade e educação ambiental. *Pesquisa em Educação Ambiental*, 6(1), 85–99. Recuperado de <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/6229/4575>
- Marques, L. (2015). *Capitalismo e colapso climático* (1^a ed.). Campinas: Editora Unicamp.
- Meadows, D., Meadows, D. H., Randers, J., & Behrens III, W. (1972). *Limits to growth*. Chelsea Green Publishing Company.
- Minayo, M. C. de S. (2014). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde* (14^a ed.). São Paulo: Hucitec.
- Pelacani, B., Menezes, A. K., Camargo, D. R., Sánchez, C., & Stortti, M. (2021). Educação ambiental de base comunitária e luta pela água. *Práxis e Saber*, 12(28), 152–167.
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In E. Lander (Org.), *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas* (pp. 117–142). Buenos Aires: CLACSO.
- Solís, E. T. (2015). *Educación ambiental comunitaria en América Latina*. Lima: PNUMA.
- Souza, M. T. de, Silva, M. D. da, & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein* (São Paulo), 8(1), 102–106. Recuperado de <https://www.einstein.br/revista/2317-6385-eins-08-01-0102-W1134-pt.pdf>
- Speth, J. G. (2009). *The bridge at the edge of the world: Capitalism, the environment, and crossing from crisis to sustainability*. London: Yale University Press.
- Stortti, M. A. (2015). Os consensos e os debates dos educadores ambientais: o tratado de educação ambiental para sociedades sustentáveis e a responsabilidade global como referencial das políticas públicas de educação. In *X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – X ENPEC*, Águas de Lindóia. Anais [...]. Rio de Janeiro: ABRAPEC.
- Stortti, M. A., Sato, M., & Sánchez, C. (2022). Tratado de educação ambiental para sociedades sustentáveis trinta anos depois, haverá mais 30? *Revista Trabalho Necessário*, 20(43), 1–6. <https://doi.org/10.22409/tn.v20i43.55046>
- Vergara, S. C. (2000). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração* (3^a ed.). São Paulo: Atlas.
- Walsh, C. (2013). *Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir* (Tomo I). Quito: Ediciones Abya-Yala.
- Whittemore, R., & Knafl, K. (2005). The integrative review: updated methodology. *Journal of Advanced Nursing*, 52(5), 546–553. Recuperado de <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1365-2648.2005.03621.x>